

**ESTADO DO CONHECIMENTO  
SOBRE O USO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO  
E COMUNICAÇÃO NA AQUISIÇÃO DA ALFABETIZAÇÃO  
E DO LETRAMENTO DO ALUNO COM DISLEXIA**

*Jaqueline Irala de Moreira* (UEMS)

[jaquelineiralam@gmail.com](mailto:jaquelineiralam@gmail.com)

*Nataniel dos Santos Gomes* (UEMS)

[natanielgomes@uol.com.br](mailto:natanielgomes@uol.com.br)

**RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo realizar um levantamento, sobre o que foi produzido no meio acadêmico a cerca da aquisição da alfabetização e do letramento de crianças disléxicas por meio das tecnologias de informação e comunicação, trazendo resultados dessa produção em um período de dezesseis anos (2000 a 2016). Tendo em vista o elevado número de crianças com dislexia na cidade de Campo Grande (MS) e a ausência de uma metodologia voltada a especificidades desse grupo, realizou-se essa pesquisa, com o intuito de encontrar metodologias adequadas para incluir esses alunos no contexto escolar, que já estejam em uso, tanto no Brasil como em outros países. Os resultados das pesquisas mostram que poucos trabalhos foram produzidos neste período, principalmente no Brasil, Portugal e Espanha são os países que mais valorizam esta abordagem. Entre os trabalhos encontrados foram selecionados os resumos mais afinados a temática: Cíntia Alves Salgado (2010) tese de doutorado (Brasil), Filipa Andreia Portela Araújo (2009) dissertação de mestrado (Portugal) e Paula Teles (2004) artigo (Portugal). Outrossim, os autores convergem no sentido da importância da criação de métodos específicos para a educação deste alunado, como, por exemplo, método multissensorial, bem como dos benefícios do uso das tecnologias de informação e comunicação neste contexto. O artigo, por meio dos resultados encontrados, apresenta propostas de inovações na área da educação para o aluno disléxico. A criação de software, o uso de slides, de processador de texto e de programas de imagens, entre outros – apresentado no trabalho - mostraram-se significantes no processo ensino aprendizagem desse grupo de discente. Sendo assim, o trabalho propõe a aplicação das metodologias apresentadas neste compêndio as escolas da rede pública desta capital, após sua adaptação a realidade Sul-mato-grossense.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Dislexia.

**Tecnologias de informação e comunicação.**

**1. Introdução**

O mundo evolui se transforma e a cada dia novos obstáculos devem ser superados para que o indivíduo possa estar inserido na sociedade, nela ser participativo e dela usufruir. O acesso ao conhecimento, às tecnologias e a inclusão são aspectos da conquista da cidadania no século

XXI. Mas como atingir a cidadania, ser incluído e alcançar a autonomia dentro de um sistema educacional que apenas *insere* e não *inclui* os indivíduos nas escolas?

A inclusão no âmbito escolar é tema de debate global. A Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988, no seu artigo 208; a Declaração de Salamanca de 1994, dispendo sobre os princípios, políticas e práticas na área das necessidades educacionais especiais; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei 9394/96, constituem-se em marcos jurídicos.

Dessa forma, o artigo contribui com os estudos concernentes com a aquisição da escrita e da leitura para os alunos com dislexia das escolas públicas de Campo Grande (MS).

A dislexia tem prejudicado diversas crianças nesta capital, pela falta de uma metodologia adequada para levá-los à aquisição da escrita e pela ausência de capacitação docente para trabalhar com tal público, um dos grandes desafios da educação, é a capacitação de professores que possam vir a trabalhar e apresentar resultados positivos no processo de ensino e aprendizagem das crianças com dificuldades de aprendizagem.

Uma das causas de dificuldades em aprendizagem apresentadas por alunos, no processo de alfabetização e letramento, é a dislexia, que exige um acompanhamento fora da sala de aula por profissionais que podem dar suporte ao processo de ensino e aprendizagem desse aluno. Contudo o professor em sala, com base nesse diagnóstico, poderá utilizar-se dos recursos tecnológicos para a criação de metodologias específicas que contribuirão para que esse aluno se desenvolva através de tais recursos disponíveis na educação.

Nesse sentido, o estudo tem como objetivo, realizar um estudo sobre a aquisição da alfabetização e do letramento de crianças disléxicas, fazendo uso das tecnologias de informação e comunicação como instrumento auxiliar no processo de ensino/aprendizagem dessas crianças.

Para a realização da pesquisa, utilizou-se como banco de dados os sites: do Google acadêmico; o Repositório Institucional CBC da UFMS; Portal de Periódicos CAPES/MEC; Base de Dados Scientific Electronic Library Online (SciELO); Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD); com os termos: “letramento”, “tecnologia” e “dislexia”, tendo como resultado final da pesquisa cinco artigos publicados de 2000 a 2016, por estarem relacionados ao tema e contribuírem para responder

ao objetivo proposto para a realização desse estudo – o estado do conhecimento – que se refere a uma pesquisa bibliográfica que tem a finalidade de mapear estudos sobre um determinado tema em diferentes campos do conhecimento.

O artigo estrutura-se em cinco tópicos, sendo que o primeiro tópico aborda as questões que envolvem o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com o uso das tecnologias, ferramentas que se inovam a cada ano, trazendo ainda mais contribuições para facilitar o aprendizado dos alunos e também a função do professor em sala de aula; o segundo tópico se refere a alfabetização e letramento do aluno disléxico, como deve ser esse processo para os alunos que apresentam essa dificuldade de aprendizagem e o terceiro tópico aborda a questão das tecnologias de informação e comunicação e a sua relação com a aquisição da alfabetização e do letramento do aluno disléxico, finalizando com as considerações finais, breves observações acerca do resultado da pesquisa.

## **2. *Processo de ensino e aprendizagem com o uso das tecnologias***

As tecnologias chegaram para facilitar a vida das pessoas e suas contribuições são imensuráveis em todas as áreas. Porém, seu uso nas escolas ainda tem sido pouco explorado. A inclusão digital nas escolas, de grande importância nesta pesquisa, tem sua previsão legal na Portaria nº 68 de 09 de novembro de 2012.

Mesmo diante das facilidades proporcionadas por essa ferramenta, são poucos os professores que fazem uso desses recursos em suas aulas, na aprendizagem dos seus alunos e mesmo aqueles que dela fazem uso, nem sempre o fazem em sua totalidade diante da infinidade de recursos que ela oferece.

Mesmo com pouca utilização, não há mais como dissociar a educação do uso das tecnologias, pois essa já é uma presença constante em várias escolas por muitos professores, que fazem a diferença através desses recursos, quer seja no uso do datashow ou mesmo no simples uso de uma televisão em sala de aula.

Os recursos tecnológicos surgem para facilitar o processo de ensino levando os alunos a uma nova forma de aprender já que estes anseiam pelo uso das novas ferramentas, porém para o uso de tais ferramentas o desempenho do professor é essencial, pois nem todos fazem uso delas como realmente deveriam, explorando os diversos recursos que essas fer-

ramentas oferecem para a educação.

Lina Maria Braga Mendes (2009) fala da importância do professor em usar os recursos que a informática oferece, saindo da aula tradicional e oferecendo algo novo para os alunos, tais recursos atraem a atenção dos alunos para o conteúdo que o professor deseja ensinar, devido a fascinação que os alunos tem por estas tecnologias. Para os educandos que apresentam dificuldades as tecnologias vêm facilitar esse aprendizado de forma mais lúdica.

Os professores que insistem na aula tradicional condicionam seus alunos a estarem sempre em contato com a mesma metodologia de ensino, lembrando que os recursos tecnológicos podem ser benéficos para os alunos que apresentam dificuldades.

Maria Elizabeth Bianconcini Almeida (2000) fala da importância do professor conhecer os recursos tecnológicos, pois ele será o elo com seus alunos. Professores que não gostam das tecnologias, limitam o contato dos alunos também e esse é um erro que poderá comprometer a aprendizagem dos alunos.

Diante do novo cenário da educação, os professores devem procurar aprender um pouco mais dos recursos que as tecnologias oferecem, não simplesmente transmitir um conteúdo através do datashow ou solicitar que os alunos realizem pesquisas na sala de informática, mas devem conhecer os softwares que existem para a educação e que contribui para o aprendizado de seus alunos.

Não se pode negar a importância da tecnologia para a educação, para levar os alunos a um conhecimento diferenciado, um conhecimento único, que poderá motivá-los ainda mais no aprendizado de conteúdos que estejam com dificuldade. (KESNKI, 2007)

É comum o professor ter em sua turma alunos que apresentam alguma dificuldade de aprendizagem, em alguma matéria, e os recursos tecnológicos pode oferecer a esses alunos, uma nova forma de aprender a matéria que tem dificuldade e conseguir vencer essas barreiras através das tecnologias educacionais.

José Armando Valente (2003) é enfático quando cita a importância dos recursos tecnológicos para a educação. Um recurso que tem contribuído para aprendizagem dos alunos que possuem alguma dificuldade de aprendizagem, como a dislexia, cujo professor poderá dispor de uma série de software direcionado a aprendizado dessas crianças.

Portando, os recursos tecnológicos servem não somente para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos em geral, mas torna-se ainda mais importante no aprendizado da criança com dificuldade de aprendizagem, disléxica, cujos estudos têm avanço nesse sentido nos últimos anos.

### **3. Alfabetização e letramento do aluno disléxico**

A alfabetização, no passado, era sinônimo de letramento, hoje é entendida como uma de suas fases. A aquisição do letramento encontra-se em estrita relação com as investigações da linguística aplicada, haja vista existir formas diversas do indivíduo ser considerado letrado.

A linguística aplicada está associada ao ensino da língua materna e/ou estrangeira, com foco na resolução de problemas linguísticos, sociais e culturais. Ocupa-se com problemas cotidianos da escrita e da leitura.

Em sua característica interdisciplinar, dialoga com a psicologia, a sociologia e a antropologia. Sendo a linguagem o veículo de comunicação em todas as áreas sociais, políticas, econômicas e educacionais do indivíduo é inquestionável a importância da contribuição da linguística aplicada na aquisição da alfabetização e na construção do letramento do aluno com dislexia. Nesta perspectiva, Mary Hamilton (2002) *apud* Roxane Rojo (2009) fala de dois modelos de letramento: o letramento dominante e o letramento local ou vernacular. Para autora, essas categorias são interligadas.

Os letramentos dominantes estão associados a organizações formais tais como a escola, as igrejas, o local de trabalho, o sistema legal, o comércio, as burocracias. [...] Já os letramentos locais ou vernaculares não são regulados, controlados ou sistematizados por instituições ou organizações sociais, mas têm sua origem na vida cotidiana, nas culturas locais. Como tal, frequentemente são desvalorizados ou desprezados pela cultura oficial e são práticas, muitas vezes, de resistência. (HAMILTON, 2002, p. 04 *apud* ROJO, 2009, p. 102)

A linguística aplicada dialoga hoje teoricamente com seus subcampos e com as diversas áreas que compõem as ciências sociais, como a antropologia, a psicologia social, a sociologia, os estudos culturais e sua mais nova subárea, a neurociência, a neurociência da linguagem.

Parafraseando Zoltán Dörnyei (2009), se o objetivo é avançar na compreensão, sobre aquisição de línguas, deve-se familiarizar-se cada

vez mais com os estudos sobre a neurobiologia da linguagem ou sobre os substratos neurais da aquisição e do processamento da linguagem.

O processo de aprendizagem pode ocorrer de duas formas: em condições externas, que se dá em seu meio podendo apresentar dificuldades para a criança, com base na confusão de estímulos, falta de ritmos ou velocidades de informações e de forma interna, ligadas a três aspectos: o corpo como organismo que busca favorecer ou atrasar os processos cognitivos - sendo mediador da ação -; a cognição, ou seja, à presença de estruturas capazes de organizar os estímulos do conhecimento e as condições internas que estão ligadas à dinâmica de comportamento. (ZABALLA, 1998)

O conhecimento se dá primeiramente através da visão, a partir do momento que se vê um objeto e por meio dessa visão se conhece e se apropria de seu significado. A aprendizagem é singular, devendo o professor respeitar a individualidade de seus alunos; construir conhecimentos envolve imagens, palavras sons e comportamento e é assim que o aluno com dislexia aprende, constrói conhecimento e se desenvolve.

O professor ao perceber que em sua turma há uma criança apresentando dificuldades para aprender, ele deve primeiramente verificar qual o grau dessa dificuldade, se a mesma pode ser sanada através das intervenções pedagógicas realizadas em sala de aula, pois não são todos os casos que os professores conseguem resolver em sala e nem todos necessitam de acompanhamento de outros profissionais da educação, mas muitas vezes o professor pode intervir, auxiliando a criança na dificuldade detectada.

Alguns alunos apresentam dificuldades que não podem ser resolvidas em sala de aula, através da simples intervenção dos professores. Distúrbios e transtornos, como a dislexia necessitam da intervenção de outros profissionais, mas também de um trabalho específico por parte dos professores em sala de aula para complementar essa intervenção.

Existem dois tipos de dislexia; a dislexia do desenvolvimento - que a criança já nasce com ela por fatores genéticos - e a dislexia adquirida - que a pessoa adquire devido a algum acidente, que leve a lesão do córtex cerebral. As causas que levam ao mau funcionamento dessas áreas específicas do cérebro ainda são muito discutidas, não havendo uma definição exata sobre o que provoca a disfunção de tais áreas cerebrais causando a dislexia, porém conforme estudos, a “Teoria do Déficit Fonológico” postula que a dislexia é causada por um déficit no sistema de pro-

cessamento fonológico e que tem a sua motivação em uma disrupção no sistema neurológico cerebral, a nível de processamento fonológico. (TELES, 2004)

O professor deve estar atento as pistas, características, que o aluno apresenta logo no início de sua alfabetização, como atraso de fala, transtorno fonológico, problemas de memória fonológica de curta duração, pronúncia incorreta de palavras longas, desconhecidas ou complexas, leitura/escrita com substituição de fonemas/grafemas e alteração de fluência e velocidade de leitura. Crianças que não respondem a um processo de intervenção sistemática com certeza apresentaram déficit de aprendizagem específica, dislexia, que se refere a uma disfunção neurológica e que compromete a área da leitura e da escrita. (FIGUEIREDO, 2009)

Para que se tenha um diagnóstico mais preciso, a criança deverá passar por uma avaliação multidisciplinar com o fonoaudiólogo, o psicólogo, o psicopedagogo e muitas vezes o neurologista que através de testes e exames específicos poderão dar a definição mais precisa se realmente se trata de uma criança disléxica.

Somente uma equipe de multidisciplinar poderá afirmar com certeza se a criança tem disléxica, para dessa forma receber o atendimento e a intervenção profissional necessária que ela precisa para desenvolver-se em sala de aula, lembrando que o professor tem papel fundamental dentro dessa equipe, pois é ele o primeiro a estar e contato com o aluno e a perceber as dificuldades deste em sala.

Nesse sentido, a criança disléxica não consegue decodificar as palavras e conseqüentemente isso afetará sua escrita e sua leitura. Um problema que geralmente pode ser identificado nos primeiros anos da escola, quando há o cuidado por parte do professor, de estar atento a identificação precoce desse quadro em seu aluno, a descoberta precoce do quadro também pode e deve ser auxiliado pelos pais em casa, mesmo antes de iniciar a alfabetização da criança, para que dessa forma possa-se dar início ao tratamento e a intervenções precocemente desta criança.

A alfabetização e o letramento da criança disléxica devem ocorrer de forma sistemática e específica de modo a desenvolver as habilidades neurológicas comprometidas pela dislexia. Devendo envolver preferencialmente todas as formas de sentido – multis sensorial – o ver, o ouvir, o falar e o fazer. Muitas vezes sendo necessário a parceria de outros profissionais que poderão dar suporte nesse processo, pois essa é uma criança que necessita de intervenção educativa especializada para que o insucesso

so escolar seja evitado. Esta criança necessita de atenção especial e quanto maior forem os recursos, maiores serão as suas chances de conseguir se desenvolver cabendo ao professor de sala, estudar e pesquisar recursos que possam facilitar esse aprendizado, como o uso das mais variadas formas de tecnologias.

#### **4. *Tecnologias de informação e comunicação: aquisição da alfabetização e do letramento do aluno disléxico***

Pode-se afirmar que as tecnologias de informação e de comunicação produzem novas formas de letramento e novos indivíduos se constituem a cada dia por meio das delas. Elas vêm como instrumento, auxiliar no processo de alfabetização e letramento os alunos com necessidades especiais. Nesta perspectiva, converge-se para Mary Pat Radabaug (1993), que vê a tecnologia como uma forma de tornar as coisas mais fáceis para as pessoas sem deficiências, já para as pessoas com deficiência a tecnologia é uma forma de tornar as coisas possíveis.

Nesse sentido, observa-se que as tecnologias de informação e comunicação surgem como uma nova ferramenta para as crianças com dificuldades em aprendizagem, já que elas por natureza se identificam com essas tecnologias, elas aprendem se utilizando delas como se estivessem brincando. O professor que faz uso desses recursos em sala traz algo inovador e motivador para a aprendizagem dessas crianças.

Jose Manoel Moran leva a refletir sobre a necessidade da interação aluno professor diante do novo cenário no processo ensino e aprendizagem. “a tecnologia deve servir para enriquecer o ambiente educacional, propiciando a construção de conhecimentos por meio de uma atuação ativa, crítica e criativa por parte de alunos e professores” (MORAN, 1995, p. 126). A consecução dessa construção implica na capacitação profissional pela qual o professor rompa as possíveis dificuldades para auxiliar seus alunos.

No momento em que o professor rompe as barreiras do ensino através das tecnologias, ele está se beneficiando com o conhecimento e facilitando o aprendizado do aluno, mesmo que em alguns casos, ele tenha uma responsabilidade ainda maior, mas os resultados são favoráveis a aprendizagem da criança.

Nas pesquisas realizadas para a construção do estado do conhecimento, em relação às tecnologias da informação e comunicação, bem



como de sua contribuição para a aquisição da alfabetização e do letramento do aluno disléxico, percebe-se a precariedade de estudos desenvolvidos até o momento para essa área, informação essa constada durante a realização da pesquisa. Foram selecionados, das pesquisas realizadas, cinco resumos mais afinados ao tema e que pudessem contribuir com este trabalho.

As tecnologias sem dúvida surgem para facilitar o trabalho do professor em sala, permitindo que o aluno amplie seu conhecimento e, no caso do aluno disléxico, é fundamental desde que utilizada de forma correta pelo professor, como aponta Juliana Ferreira Blandino (2016), que reforça a importância do professor ter o domínio do recurso a ser utilizado, utilizando métodos que possam facilitar o aprendizado dessas crianças.

Somente será possível ter retornos positivos quanto a aprendizagem do aluno, se o professor fizer uso adequado das ferramentas, não apenas para dizer que fez uso do recurso, mas utilizando-os com objetivos, com direcionamentos que levem a aprendizagem do aluno que possui dificuldade de aprendizagem.

O método fenomímico da psicóloga educacional Paula Teles (2004), especialista em dislexia, permite às crianças integrar o “ver”, o “ouvir”, o “cantar” o “fazer o gesto” e o “escrever” ao mesmo tempo. A realização destas atividades multissensoriais, permite-lhes descobrir com prazer e entusiasmo a relação entre os sons da linguagem oral e as letras do alfabeto e, assim progredir nas competências da leitura e da escrita.

Essa experiência serve como exemplo e mostra que é possível vencer as barreiras das dificuldades de aprendizagem através de recursos tecnológicos, de softwares que apresentem novas formas de ensinar e aprender e de aprender a aprender, tanto o professor quanto o aluno se beneficiam dessa aprendizagem.

Existe uma infinidade de softwares disponíveis para facilitar o aprendizado do aluno disléxico. O professor poderá desenvolver ferramentas que complementem esse ensino. Os softwares podem ser a saída para um problema de aprendizagem pelo qual o aluno esteja passando. O professor precisa ter conhecimento de recursos para levá-los as salas de aula, como o exemplo citado acima, da psicóloga Paula Teles, nesta pesquisa.

Filipa Andreia Portela Araújo (2009) em sua dissertação de mes-

trado fez uso de um computador para realização de métodos educacionais que pudessem ser integradas diferentes modalidades sensoriais simultaneamente (olhos, ouvidos, tacto). Usou slides, processador de texto e programas de imagens, entre outros, além de explorar componentes da leitura, compreensão do texto, oralidade e produção textual.

O aluno poderá ter então uma compreensão maior, já que o visual chama a atenção dele e associado às tecnologias, mostra que esses recursos têm influência positiva nessa aprendizagem. Os recursos visuais são um atrativo para os alunos e sempre que possível, deve ser explorado pelo professor.

O autor realiza uma experiência em que utiliza diversos recursos tecnológicos, não se prendendo apenas em um, mas em um conjunto que atendesse aos seus objetivos. Professores em sala, também podem trabalhar dessa forma, utilizando a quantidade de recursos que considerarem necessários para o aprendizado dos seus alunos, principalmente quando se trabalha com alunos que possuem dificuldades de aprendizagem.

Cíntia Alves Salgado (2010) em sua tese de doutorado cria um software – PREFON – um programa computadorizado. Nele crianças com dislexia podem manipular 11 atividades multissensoriais, como a identificação de fonemas e grafemas, trabalhar com pares de fonemas, sílaba, palavras, rima entre outros. O programa utiliza cores, números, letras e objetos para facilitar a aquisição e assimilação cognitiva da criança.

Esse é um exemplo clássico dos benefícios que as tecnologias proporcionam para que uma criança disléxica se desenvolva efetivamente no contexto escolar, enfrentando as barreiras impostas pela dislexia, fazendo uso de um programa que mostra a criança, uma nova forma de aprender, sem que ela se sinta incapaz; ao contrário fazendo com que ela, sinta-se ainda mais motivada a aprender.

Keiko Ono (2015), em um trabalho recente realizado sobre o uso das tecnologias para trabalhar as dificuldades de aprendizagem, comenta que o professor poderá dispor de excelentes recursos para trabalhar com as crianças com dificuldades, como a dislexia, mas desde que o professor domine antes esses recursos, caso contrário, ele poderá não ter o resultado desejado.

Dessa forma, mesmo diante de uma infinidade de recursos tecnológicos, professores devem primeiramente aprender a fazer uso correto dessas ferramentas, para só depois aplicar seu uso aos alunos, dominando

o uso das ferramentas de forma que traga resultados satisfatórios em suas aulas, na aprendizagem do aluno com dificuldade, como a dislexia.

A realização do estado do conhecimento para a aquisição da alfabetização e do letramento de crianças disléxicas com o auxílio das Tecnologias de informação e comunicação traz resultados significativos nesse campo. Pode-se perceber também que os autores convergem para o mesmo conceito, o de se criar metodologias adequadas, específicas e eficazes para esse grupo; bem como da importância das TICs para a implantação de novas metodologias para este alunado.

Para estes autores o disléxico necessita de um ensino multissensorial, na qual seja estimulada a fala, a leitura, a escrita e a memorização ao mesmo tempo e os recursos tecnológicos surgem como uma forma de facilitar esse processo e proporcionais a esses alunos uma nova forma de aprender e amenizando as suas dificuldades de aprendizagem.

## **5. Considerações finais**

Os resultados dos trabalhos apresentados mostraram melhoras estatisticamente significativas nos alunos submetidos aos testes. Sendo assim o resultado final deste trabalho propõem a aplicação destas mesmas metodologias nas escolas da Rede Pública da cidade de Campo Grande (MS).

Com a adaptação dessas metodologias as realidades sul-matogrossenses, haja vista a necessidade de capacitação de professores e de metodologias voltadas para estes alunos que precisam ser incluídos no contexto escolar.

Os professores, para fazer uso das tecnologias, devem primeiramente se capacitar, principalmente quando se trata da aprendizagem de uma criança com dificuldade de aprendizagem.

Com os recursos digitais pode-se personalizar a educação dos alunos com necessidades especiais, ajudando-os a encontrar a melhor forma de aprender; oferecendo-lhes oportunidades de seguir seu ritmo – a partir de seus interesses – e conforme o perfil de aprendizagem de cada um.

As metodologias associadas ao uso das tecnologias da informação e da comunicação podem contribuir de maneira significativa, visto que os alunos são atraídos por essa forma de ensino e dessa forma, o professor poderá fazer uso dessa motivação e levar aos alunos com dificuldade de

aprendizagem, no seu processo de alfabetização e letramento, uma ferramenta que produz resultados positivos como apontados pelos estudos apresentados na pesquisa.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. Educação, ambientes virtuais e interatividade. In: SILVA, Marco (Org.). *Educação online*. São Paulo: Loyola, 2000.

ARAÚJO, Filipa Andreia Portela. *Melhorar a fluência da leitura com recurso ao computador pessoal: estudo de caso único de criança com dislexia*. 2009. Tese (de doutorado). – Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança, Braga.

BLANDINO, Juliana Ferreira. *O uso de objetos de aprendizagem como recurso de apoio às dificuldades na alfabetização*. 2015. Dissertação (de mestrado). – UNESP, Araraquara.

DÖRNEY, Zoltán. *The psychology of second language acquisition*. Oxford, 2009.

HAMILTON, Mary. Expanding the new literacy studies: using photographs to explore literacy as social practice. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIC, Roz. (Orgs). *Situated literacies*. London: Routledge, 2000.

KESNKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas: Papirus, 2007.

MENDES, Lina Maria Braga. *Experiências de fronteira: os meios digitais em sala de aula*. 2009. Dissertação (de mestrado em educação). – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

MORAN, Jose Manoel. *A integração das tecnologias na educação*. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/integração.htm>>. Acesso em: 20-09-2016.

ONO, Keiko. *Uso das mídias como ferramenta para trabalhar dificuldades de aprendizagem na alfabetização de alunos do ensino fundamental*. Porto Alegre: Centro da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, 2015.

RADABAUGH, Mary Pat. *NIDRR's Long Ranger Plan Technology*

*for and Access Function Section Research section Two: NIDDR*

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola, 2009.

SALGADO, Cíntia Alves. Programa de remediação fonológica, de leitura e escrita em crianças com dislexia do desenvolvimento. 2010. Tese (de doutorado). –Unicamp, Campinas.

TELES, Paula. Dislexia e disortografia: da linguagem falada à linguagem escrita. *Profforma*, n. 06, março 2012.

TELES, Paula. Dislexia: como identificar? Como intervir? *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, vol. 20, n. 6, nov.-dez.2004.

UNESCO. *Educação de qualidade para todos: um assunto de direitos humanos*. 2. ed. Brasília: OREALC, 2008. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001505/150585por.pdf>>. Acesso em: 02-09-2016.

VALENTE, José Armando. Criando ambientes de aprendizagem via rede telemática: Experiências na formação de professores para o uso da informática na educação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Formação de professores para o uso da informática na escola*. Campinas: UNICAMP/NIED, 2003.

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.